

Para quem nasceu ou cresceu na cidade, o espaço é um parente querido

O Bosque dos Jequitibás vive em cada campineiro

Ana Carolina Martins

Na área central pulsante de Campinas, um pedaço de Mata Atlântica resiste ao tempo, guardando histórias, animais, risos de infância e o afeto de gerações que cresceram sob a sombra dos jequitibás centenários. Para quem nasceu ou cresceu no município, o Bosque dos Jequitibás não é apenas um parque. É quase um parente querido: daqueles que conhecemos desde sempre, que acolhem, protegem e acompanham a vida da gente. Ele está lá antes de nós e, de alguma forma, dentro de nós.



Entre as árvores altas que filtram a luz da manhã, ainda ecoam passos de crianças que hoje já são avós, mas que um dia seguraram firmemente as mãos dos pais nas primeiras visitas ao minizoológico. O cheiro de terra molhada, o som das araras, o teatro com suas peças infantis, as escolas chegando em fila... o tempo passa, mas os rituais permanecem.

Onde a cidade respira

O Bosque dos Jequitibás é uma das mais antigas áreas verdes de lazer de Campinas. Foi criado em 1884, por Francisco Bueno de Miranda, e adquirido pelo município em 1915. A partir daí, integrou-se como parte do cotidiano campineiro. Com o tempo, foi ganhando corpo, amadurecendo, acolheu o Museu de História Natural, o Aquário, o Teatro Carlos Maia, a Casa do Caboclo e o minizoológico que marcou a infância de tantos.

Animais atraentes

Quem viveu os anos 80 e 90 lembra-se bem do leão que rugia ao longe, a onça-pintada que atraía olhares admirados, as araras coloridas pousadas nas manhãs claras... Havia atrativos para encantar qualquer um, como o hipopótamo Dinho, que completou 19 anos em setembro de 2025, a pantera, a anta, o tamanduá, os macacos, cada um deles parte da imaginação infantil e das conversas que duravam até muito



É comum nos finais de semana ver famílias passeando pela pista que contorna todo o Bosque dos Jequitibás

Um dos animais mais queridos e que mais chama a atenção da garotada é o hipopótamo Dino



Fotos: Firmino Piton/PMC



No verão jatos d'água são ligados para refrescar o animais

depois da visita ao bosque.

Hoje, a composição do minizoológico é outra, adaptada para atender às políticas ambientais e ao bem-estar animal, mas ainda guarda espécies queridas, aves exuberantes e pequenos mamíferos que encantam a garotada. E, por entre as trilhas, cutias e pássaros nativos seguem circulando livremente.

Os jequitibás, que emprestam o nome ao parque, são os grandes guardiões dessa história. Eles viram gerações nascer e partir, mas perman-

necem ali, silenciosos, testemunhas do que Campinas já foi e ainda pode ser. Um deles, com mais de 300 anos. Antes mesmo de Campinas existir, ele já estava ali e, hoje, é considerado um "guardião silencioso" da cidade.

Afeto que se transmite

Sob a gestão do Depto de Parques e Jardins (DPJ), da Secretaria Municipal de Serviços Públicos, a área verde é um acervo de lembranças compar-

tilhadas e, por isso, o local desperta sentimentos de cuidado e preservação quando alguma situação ameaça a sua integridade. Cada queda de árvore, cada fechamento temporário, cada notícia sobre reforma ou manutenção mobiliza a população.

"O Bosque é importante do ponto de vista da diversidade de espécies e variedades botânicas. Com 110 mil metros quadrados, é um "pulmão verde" na cidade. O espaço é importante para abrigar a pequena fauna urbana, oferecendo refúgio e alimento", afirma o secretário de Serviços Públicos, Ernesto Paulella.

Vivo e vibrante

Apesar dos desafios, o Bosque segue vivo e vibrante, sendo um respiro de oxigênio puro para quem caminha por ele e um abrigo emocional para quem carrega as lembranças de anos atrás.

Porque, no fim das contas, todo campineiro guarda um pedaço do Bosque dentro de si, assim como o Bosque guarda memórias que nunca envelhecem de cada campineiro sob suas sombras antigas.